

O resto do tempo

Tradução de Juremir Machado da Silva

EXISTEM GERAÇÕES DO REAL assim como há gerações demográficas ou culturais.

A realidade nunca é dada de antemão, mas adquirida, gerada pelo desenvolvimento das sociedades. Mesmo se a pedra permanece pedra, mesmo se a montanha continua no seu lugar, a maneira de captar a realidade varia ao ritmo da evolução do conhecimento. Aqui, como em outros domínios, já não estamos nos espaço e no tempo absolutos de Newton e mais alguns, mas no espaço-tempo da relatividade geral. Incessantemente nossa espécie deriva de uma geração de realidade para outra, através de um movimento de *desrealização* que comporta duas fases principais: uma fase de *simulação* da realidade, relativa ao campo das representações filosófica, científica ou artística; e uma fase, geralmente não percebida, de *substituição*, na qual o real da geração precedente cede lugar ao da nova.

Aqui, como no domínio da verdade, ou antes da objetividade científica, há certamente realidades mais ou menos estáveis, mais ou menos duráveis, mas nenhuma, entretanto, é definitiva, com exceção da morte.

Assim como o espaço, o *tempo absoluto desfez-se*; em matéria de duração, tudo depende do olhar dirigido e da época do "ponto de vista", e não mais das condições supostamente naturais da experiência... A ciência e as suas tecnologias sempre contribuem para modificar a observação, a medida, e finalmente a própria aparência do que é observado.

É inútil, portanto, na tentativa de convencer-nos, de retornar até Copérnico e Galileu. Ou, ainda, de retomar Einstein e Niels Bohr para concluir que, em matéria de temporalidade, o *tempo não é mais inteiro*, mas indefinidamente fracionado em quantos instantes, instantaneidades, quanto permitem as técnicas de comunicação e de telecomunicação.

Apesar do termo *continuum*, em termos de *espaço-tempo*, só há restos, resíduos entrevistados aqui ou ali. Nada mais de panorama, somente uma visão, percepções, em

Paul Virilio
Filósofo e urbanista

que o tempo vem à tona, antes de desaparecer. Assim, ao *tempo que passa* da cronologia e da história, sucede, neste momento mesmo, uma duração, um *tempo que se expõe* instantaneamente.

Nada a ver, mais uma vez, com uma analogia literária qualquer... a metáfora da tomada, do tempo da pose fotográfica, pois é realmente o fóton, a partícula elementar da luz e a sua velocidade, que constitui o horizonte cosmológico do real, a constante universal absoluta que sucede ao espaço, assim como ao tempo absoluto dos séculos anteriores. Com a concepção relativista do mundo, é a velocidade da luz que baliza o real, e a luz da velocidade que ilumina a realidade.

A velocidade absoluta sucede ao tempo assim como ao espaço constante. A instantaneidade substitui as durações longas, os séculos dos séculos. A noite dos tempos cede lugar ao nascer do dia do instante presente. Os captadores, os receptores, os diversos aparelhos eletrônicos ou *fotônicos* (tubo catódico, terminal videofotográfico, etc.) de gravação substituem o pêndulo de outrora e de ainda agora. *O tempo mostra-se* não mais somente no envelhecimento, no desgaste ou na ruína, mas também no brilho da sua juventude, na intensidade de um aparecimento subliminal.

Não são mais as horas, os minutos, os segundos, que aparecem nos mostradores dos cronômetros; são as imagens gravadas que se tornam subitamente “relógios”, *cronógrafos* do tempo, do resto do tempo. Daí o desenvolvimento das tecnologias de audiovisual (multiplicação das emissoras de televisão, teledifusão por satélite, teledistribuição por cabo de fibra ótica...) em detrimento das do automóvel..., crescimento das telecomunicações instantâneas em detrimento dos meios de transporte e de deslocamento físico efetivos.

Ao tempo *extensivo*, que tentava aprofundar o caráter integral do “infinitamente grande do tempo”, sucede, hoje, um tempo *intensivo* que, desta vez, aprofunda o infinitamente pequeno da duração, de um tempo

microscópico, última figura de uma eternidade redescoberta para além da eternidade extensiva dos séculos passados. Eternidade intensiva onde a instantaneidade permitida pelas últimas tecnologias comportaria o equivalente ao contido no “infinitamente pequeno do espaço e da matéria”. *Centro do tempo*, átomo temporal, situado em cada instante presente, ponto de percepção infinitesimal através do qual a extensão e a duração se concebem de modo diferente. Diferença relativista que reconstitui uma nova geração do real, *realidade degenerada* na qual a velocidade supera o tempo e o espaço, assim como a luz supera a matéria, ou a energia, a massa inanimada.

Resíduo da extensão, resto do tempo, o instante do “ponto de vista einsteiniano”¹ nada mais é do que um fotograma cinematográfico, uma demonstração da realidade em que o filme não é nada, e a seqüência, tudo.... Espaço vetorial, sem comparação com a *crono-geografia* do mundo tangível, *espaço das fases*, onde a imagem direta e em tempo real vence a coisa e o espaço real. O trajeto domina, doravante, o objeto, numa visão de mundo em que o debate dos astrofísicos se resume a saber se o cosmo está em fase de inflação, de expansão, ou de desinflação... Apostemos, contudo, que a conclusão deles indicará, provavelmente, uma fase terminal de contração telúrica, de implosão generalizada.

Segundo o físico Ernst Mach, “o universo estaria misteriosamente presente em cada lugar, em cada instante...” Essa percepção científica do momento nos leva imediatamente a tocar nesse movimento de retração, de retenção relativista, em ação no pensamento contemporâneo. Movimento no qual a extensão do cosmo e a duração da história universal cedem, repentinamente, lugar ao ponto, ao *punctum*, de ação: ponto de partida ou de chegada, concepção atômica de um macrocosmo onde o infinitamente pequeno do espaço-tempo contém, ao mesmo tempo, a profundidade extrema de toda duração e mais vasta extensão do universo. Deve-se, então, por força constatar o quanto

esta nova representação do mundo condiciona os nossos costumes e a economia do nosso modo de vida.

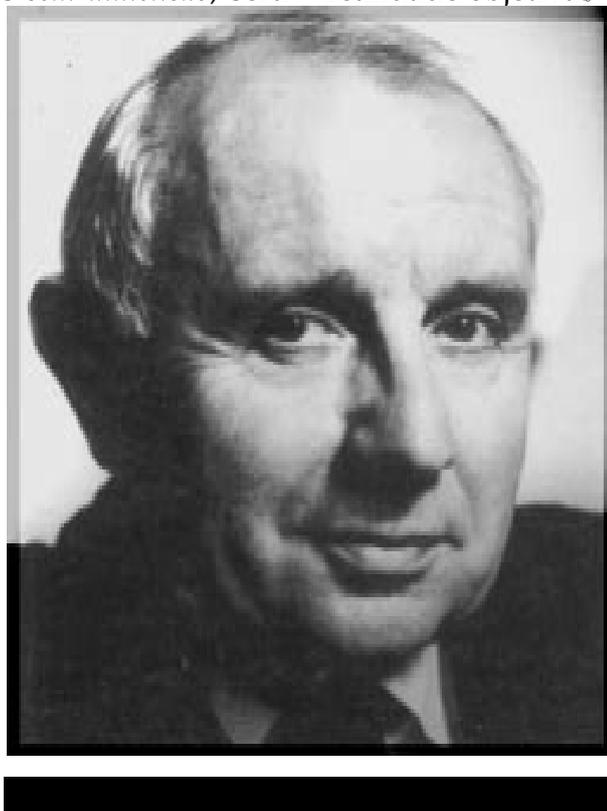
Ao “dia do tempo” astronômico, sucede o *dia da velocidade* técnica, falso dia da velocidade da luz propagada pela eletrônica, pelo laser ou pelos cabos de fibra ótica, esses emissores-receptores, geradores de visões e de durações específicas da telemática ou das teletransmissões instantâneas... sem esquecer o desenvolvimento dos meios de transporte supersônicos (e, em breve, hipersônicos) e sua cinemática generalizada.

Ao tempo da sucessão, à duração filosoficamente considerada como uma seqüência de instantes *sem duração*, a exemplo da linha concebida geometricamente como uma sucessão de pontos *sem dimensão*, será conveniente opor, desde agora, a noção de *tempo de exposição*. Do tempo que passa da cronologia ao tempo que se expõe da *cronoscopia*, seríamos, então, levados a conceber o conjunto dos procedimentos de ocultação da “tomada” como “tomadas de tempo”. Ao antigo movimento do pêndulo, à oscilação dos mecanismos de relojoaria, sucederia então o *movimento do obturador*; a câmera e o seu monitor tornando-se um “relógio de precisão”, um modelo de relógio de luz infinitamente superior ao quadrante solar.

Ao antigo sistema de passagem linear do tempo — passado-presente-futuro — deveria pois suceder legitimamente o sistema *subexposto-exposto-superexposto*, contribuindo assim para realçar a noção de temporalidade. Com isso, seríamos em seguida levados

a revisar o estatuto das diferentes grandezas físicas: não apenas a hora, a semana, o mês das efemérides, o metro ou o quilômetro das distâncias geográficas, mas ainda a alternância da luz e da sua ausência. Não somente a alternância diurno/noturno do *dia solar*, primeira medida do tempo, mas ainda o conjunto dos processos fisiológicos (sono, coma, cegueira...) e tecnológicos que fracionam a duração. *Dia químico* do gás, das velas e das tochas; *dia elétrico*, depois *eletrônico*, das lâmpadas, dos tubos, das telas e dos painéis.

De fato, se “tudo que aparece, aparece na luz” (Paul de Tarse), cabe acrescentar de agora em diante: *tudo o que aparece na luz, aparece na velocidade*, constante absoluta da realidade objetiva.



Assim, se a velocidade não serve mais unicamente, como se acreditava até agora, ao deslocamento de um ponto a outro, se a *velocidade serve antes de tudo para ver, para conceber a realidade dos fatos*,² deve-se absolutamente “iluminar”, ou seja, “pôr em velocidade”, a duração como extensão... sendo que todas as durações, das mais ínfimas às mais desmesuradas, contribuem, portanto, a revelar a intimidade da imagem e do objeto, do espaço e

das representações do tempo, como propõe atualmente a física, triplicando a noção até então binária de *intervalo*. São conhecidos os intervalos de gênero “espaço” (signo negativo) e “tempo” (signo positivo); a novidade consiste no intervalo do gênero “luz” (signo nulo). A interface da tela de televisão ou o monitor do computador ilustram perfeitamente este terceiro tipo de intervalo.

Como então se surpreender com o declínio da leitura, com a falta de respeito ao saber acumulado nas páginas dos livros, com o declínio da escrita em benefício do oral ou, ainda, com a preeminência da imagem sobre o texto? Ou mesmo com a constante aceleração, em nível de montagem, dos filmes e dos videoclipes – 24/30, depois 60 imagens por segundo? Do desrespeito em relação às pessoas idosas, à crise das famílias ou dos casais que se explicam amplamente, tudo passa pelo declínio da importância do tempo extensivo e das durações longas de experiência adquirida em benefício exclusivo da surpresa, das novidades alimentadas pelas empresas de produção, pelos *standards* publicitários do consumo... até o acidente intempestivo que tememos tanto quanto o esperamos e reverenciamos como performance sem precedente.

“Surpreendam-me”, pedia Serge Diaghilev aos seus bailarinos. Não é o mesmo que todos nós pedimos ao tempo, ao instante presente? Eis o resto de um tempo, de uma duração em avançada decomposição que contribui para degenerar a realidade passada e, através dela, os costumes, as tradições mais encravadas em nossos comportamentos.

Depois da desintegração nuclear do espaço da matéria, chegou, enfim, a vez da desintegração do tempo da luz ■

Notas

- 1 Na origem, Einstein pretendia denominar sua teoria da relatividade, *Teoria do ponto de vista*.
- 2 Ver, por exemplo, os aceleradores de partículas ou os novos telescópios.



Jacques Le Goff: "a historiografia francesa não tem nada a ver com as críticas de Sokal."



Alain Touraine: "não existe uma 'escola francesa' de pensamento."



Régis Debray: "Sokal é uma nova investida do positivismo. "



René Rémond: "as críticas em bloco são redutoras."

...e os intelectuais franceses resistem...